



As comunicações e a crise mundial

WALTER SOTOMAYOR

REDATOR DO JORNAL DE BRASÍLIA

O computador e o telefone estão mudando o mundo. A possibilidade de processar palavras e números com maior rapidez e transmiti-las a qualquer lugar do mundo em questão de segundos é uma das maiores revoluções deste fim de século. A transmissão de informações a distância é um benefício que chegou ao Brasil em 1874, quando se instalou o cabo submarino que comunicava o País aos Estados Unidos e à Europa. Naquele tempo, o cabo de cobre transmitia por meio do telégrafo, pequenas e muito caras mensagens.

Hoje há possibilidade de se transmitir textos longos ou imagens, com grande velocidade e a preço razoável. Isso levou os mercados financeiros a funcionarem de forma simultânea, permitindo a transferência instantânea de informações e grandes somas de dinheiro, ordens de compra ou venda e qualquer operação financeira. A velocidade da transmissão de informações ou a realização de

operações financeiras em tempo real tornaram o mercado mundial muito mais sensível, seja aos sinais políticos ou aos econômicos. Qualquer sinal de instabilidade política, motivada por algum tipo de insatisfação por parte da população pode ser interpretado como risco para investimentos, da mesma forma que a constatação de algum desequilíbrio nas contas públicas de um país, isto é, quando o governo começa a gastar mais do que arrecada. Os sinais de instabilidade econômica na Ásia, no ano passado, ocasionaram a retirada de capitais e, também, acabaram provocando a queda de alguns governos. Um dos pressupostos do bom funcionamento dos mercados financeiros, além da estabilidade e da liberdade, é a transparência, isto é, todos devem ter acesso às informações.

O Brasil, um país sem a necessária poupança interna para financiar o seu desenvolvimento econômico, foi um dos principais atrativos para o capital internacional. A partir da

estabilização que trouxe o Plano Real, reduzindo uma inflação mensal de 40% para menos de 1%, muitas empresas já estabelecidas no País decidiram aumentar seus empreendimentos e outras, vendo não só o grande potencial do mercado brasileiro, como também o do Mercosul, decidiram abrir fábricas no País. Isso representou uma entrada de US\$ 20 bilhões no ano passado, e outro tanto neste ano, mas o ritmo desses investimentos começou a diminuir. Pior, os investidores começaram a retirar seu dinheiro do País. Aquelas aplicações de curto prazo que serviam para financiar o déficit.

Essa crise de confiança, característica de todo o sistema nos últimos meses, ameaçava provocar uma desvalorização da moeda, o que não chegou a acontecer. Para pôr a casa em ordem o governo anunciou medidas destinadas a reduzir as despesas e a aumentar impostos: isso reequilibrará as contas em 1999 e, com isso, se espera o retorno do capital estrangeiro.